



O Amor é Cego

Love is Blind

Lynsay Sands

Inglaterra, 1720

Amor Perigoso

Adrian Montfort, o conde de Mowbray, sabia que a bela e estabonada lady Clarissa Crambray poderia ser perigosa. Ela era, na verdade, um desafio. Mas era exatamente o desafio que ele precisava...

Clarissa sempre desejou encontrar um noivo, mas sua madrasta queria mais ainda que a enteada encontrasse alguém disposto a se casar com ela. Clarissa concordava que os óculos escondiam a beleza de seu rosto, mas se ela seguisse o conselho da madrasta e não os usasse, como iria enxergar?

Já causara confusão suficiente para merecer um apelido infame nos círculos sociais, em função de sua deficiência visual. Todos os possíveis pretendentes pareciam sair correndo... Até que de repente apareceu um cavalheiro disposto a dançar com ela. Um homem elegante, atraente, misterioso... E Clarissa se vê a tropeçar... no amor!

Prólogo

— **O** amor e febre que arde... em meu sangue.

Clarissa Crambray não conteve uma expressão de desagrado quando estas palavras ecoaram no ar. Sinceramente, esse era o pior poema declamado por lorde Prudhomme desde que chegara à residência urbana de seu pai uma hora antes.

Nossa, fazia somente uma hora? Parecia que aquele cidadão idoso estava ali havia dias. Ele entrara sacudindo um livro e avisara triunfante que em vez de seu passeio habitual, leria para ela.

Clarissa, de fato, gostaria muito desde que a leitura fosse algo interessante e não aquela baboseira. E gostaria ainda mais se ele não agisse como se estivesse lhe fazendo um favor.

Ela sabia muito bem a razão para essa súbita mudança de planos. Obrigando-a a permanecer comportadamente sentada enquanto lia alto, ele só tinha um objetivo evitar desastres. Parecia que até o velho e solidário Prudhomme estava ficando cansado de seus contínuos acidentes.

Não podia culpá-lo, ele havia sido extremamente tolerante até então, quase um santo.

Certamente, demonstrara mais compreensão e bravura do que seus outros pretendentes. Parecia aceitar e perdoar todas as vezes que ela confundia suas grossas coxas com a mesa de chá e apoiava as coisas sobre elas; esboçava um sorriso dolorido ao levar pisões nos pés quando dançavam; e suportava com galhardia seus constantes tropeços e quedas quando saíam para uma caminhada no parque.

Pelo menos, era o que parecia, mas aparentemente hoje descobrira um jeito de se safar de tudo isso. Pena que sua opção de leitura deixasse muito a desejar. Clarissa teria preferido fazer o papel de boba no parque ou cair de cara em um bolo do que ficar ouvindo aquelas bobagens sem sentido.

— *Minha imaginação ganha asas de um pássaro.*

A voz de Prudhomme tremulava de paixão, ou talvez apenas de velhice, Clarissa não saberia dizer. A verdade é que aquele homem tinha idade para ser seu avô.

Infelizmente, isso pouco importava para Lydia. Sua madrasta havia prometido a John Crambray que procuraria um bom casamento para a filha antes que ambos morressem.

Até o momento, eles não pareciam correr qualquer risco. Ela, porém, estava em perigo iminente de se encontrar casada com o cavalheiro idoso ajoelhado a seus pés que, de braços erguidos, clamava amor eterno.

Prudhomme era um dos poucos pretendentes que ainda a cortejavam.

— *Juro minha... minha...* lady Clarissa — Prudhomme interrompeu o que ia dizer. — Por favor, aproxime mais a vela. Está difícil decifrar essa palavra.

Clarissa suspirou de tédio e olhou de soslaio para o pretendente. Em sua visão embaçada, o rosto de Prudhomme era um borrão redondo e rosado, corado por uma nuvem de cabelo prateado.

— A vela, menina — disse ele com impaciência, a irritação substituindo por um momento todo o charme do pretendente.

Clarissa estendeu o braço sobre a mesa a seu lado, pegou o castiçal e o segurou mais próximo a ele.

— Bem melhor agora — disse Prudhomme satisfeito. — Onde estava mesmo? Ah, sim. *Juro minha perene...*

Ele fez uma nova pausa e fungou.

— Você sente o cheiro de queimado?

Clarissa aspirou o ar delicadamente. Começou a abrir a boca para dizer que sim, mas antes que pronunciasse qualquer palavra, Prudhomme soltou um grito.

Pulando para trás de surpresa, ela observou com espanto o homem levantar-se de um sobressalto e começar a pular pela sala, levantando os braços enlouquecido e batendo com as mãos na própria cabeça.

De início, Clarissa não conseguiu entender o que estava acontecendo até que o viu tirar da cabeça o que lhe parecia uma mancha branca, que outra coisa não era senão uma peruca que ele

passou a bater com força contra a própria perna. Ela deu-se conta então de que talvez tivesse segurado o castiçal perto demais da cabeça dele e posto fogo em sua peruca.

— Ah, meu caro. — Clarissa abaixou o castiçal, sem solta-lo até certificar-se de que estava bem apoiado sobre a mesa. Com a visão distorcida e seu senso de distância comprometido, ela quase derrubou o homenzinho ao pular da cadeira para ajudá-lo.

— Afaste-se de mim! — ele gritou, empurrando-a.

Clarissa caiu sentada na cadeira novamente e olhou-o estarelecida; depois voltou a cabeça por ter ouvido um zunzum à porta.

Todos os empregados da casa tinham ouvido os gritos e corrido para a sala. É claro que sua madrasta estava lá também.

Sem os óculos, Clarissa guia enxergar direito se a olhavam com pena ou repreensão, mas não era necessário olhar para Prudhomme para adivinhar o que estava pensando. Sua raiva ganhara corpo e quase podia tocá-la através dos poucos metros que os separavam.

Prudhomme estava tão zangado que suas palavras emendavam-se umas nas outras, tornando-se quase incompreensíveis. Clarissa conseguiu compreender algumas, como “idiota desajeitada”, “desastrada” e “um perigo para a sociedade”; de repente, ele levantou o braço e avançou em sua direção. Ela congelou, temendo que ele fosse agredi-la.

Felizmente, os presentes desconfiaram que ele estava perdendo o controle e se aproximaram. No momento em que Prudhomme ia lhe dar um bofetão, foi impedido por várias pessoas.

Enquanto lutavam diante dela, Clarissa só percebia uma difusa confusão de pessoas e cores. Ela ouviu, porém, Prudhomme praguejar e um gemido que lhe pareceu ser de Foulkes, o mordomo. O praguejar continuou à medida que um borrão de vultos coloridos começou a sair pela porta.

— Que vergonha, Prudhomme! — choramingou Lydia, com a voz bastante alterada ao seguir os demais até a porta, acrescentando depois em tom ansioso: - Espero que tão logo tenha se acalmado, possa perdoar Clarissa completamente. Tenho certeza de que ela não teve a menor intenção de queimar sua peruca.

Clarissa afundou na cadeira com um suspiro de desgosto. Não podia acreditar que a madrasta ainda esperava uni-la àquele homem. Mas devia saber muito bem que Lydia não desistiria de seu intuito.

— Clarissa!

Endireitando rapidamente o corpo na cadeira, Clarissa se voltou em direção à porta e viu o vulto lilás de Lydia entrar e bater a porta.

— Como você foi fazer uma coisa dessas?

— Não fiz de propósito, Lydia — esclareceu Clarissa. — E isso jamais teria acontecido se você me deixasse usar os óculos.

— Nunca! — retrucou Lydia. — Quantas vezes preciso lhe dizer que jovens que usam óculos simplesmente não arrumam maridos. Sei do que estou falando. Melhor alguém meio desastrada do que com óculos.

— Eu pus fogo na peruca dele! — Clarissa exclamou, descrente. — Isso é bem mais do que ser um pouco desajeitada; na realidade, ultrapassa o ridículo. Está se tornando perigoso. Ele poderia ter se queimado muito.

— Poderia! Graças ao bom deus não se queimou — admitiu Lydia, soando repentinamente calma.

Clarissa quase gemeu alto. Aprendera muito depressa que quando a madrasta ficava calma, não era um bom sinal.

Capítulo I

Londres, 1720

— **M**owbray! Que bons ventos o trazem a cidade?

Lorde Adrian Montfort, o conde de Mowbray, desviou a atenção dos casais que dançavam e olhou para o homem que se aproximara dele. Alto, loiro, tremendamente bem-apegoado: Reginald Greville.

Adrian e Greville, seu primo, haviam sido muito amigos no passado. O tempo e a distância, porém, haviam enfraquecido esse laço, com uma pequena ajuda da guerra com a Espanha. Ignorando a pergunta de Reginald, ele retribuiu o cumprimento com um leve

sorriso e voltou o olhar para a elegante coreografia dos homens e mulheres na pista de dança.

— Está aproveitando a temporada, Greville? — perguntou.

— Muito, muito. Sangue novo. Novas caras.

— Novas vítimas — Mowbray acrescentou em tom seco.

— Também. — Reginald riu. Ele era conhecido pelo sucesso em seduzir jovens inocentes. Só não fora ainda forçado a sair da cidade devido a seu título e fortuna.

Balançando a cabeça, Adrian esboçou um sorriso pálido.

— Você não se cansa nunca da caça. Lamento dizer que todas me parecem a mesma. Posso jurar que essas são decepcionantemente iguais às jovens que estavam debutando a última vez em que estive aqui, que eram iguais às do ano anterior.

O primo achou graça e sacudiu a cabeça.

— Faz dez anos que você se deu ao trabalho de vir pela última vez à cidade, Adrian. As jovens de então estão todas casadas e procriando, ou a caminho de se tornarem solteironas.

— Diferentes rostos, mesmas damas — Adrian disse, dando de ombros.

— Tanto cinismo — censurou Reginald — Você soa como um velho, homem.

— Apenas mais velho - Adrian corrigiu. — Mais velho e mais sábio.

— Não. Velho! — Reginald insistiu, rindo e voltando o olhar para as pessoas que se movimentavam diante deles. — Além disso, há algumas verdadeiras belezuras este ano. Aquela loira, por exemplo, ou a morena com Chalmsly.

— Hum. — Adrian observou-as. — Corrija-me se eu estiver errado, mas acho que aquela moreninha, por mais encantadora que seja, não tem nada na cabeça. Assim como lady Penélope que você seduziu da última vez em que estive aqui.

Reginald arregalou os olhos surpreso com a observação.

— E a loira — Adrian continuou, examinando a jovem em questão — é filha de pais comerciantes, muito endinheirada, e à procura de alguém que tenha título para se juntar. Mais ou menos como Lily Ainsley, outra de suas conquistas.

— Acertou em cheio — Reginald admitiu, parecendo um pouco incrédulo. Alternando o olhar de uma mulher para outra, ele riu contrafeito: — Agora você estragou tudo. Eu estava considerando dar atenção a uma delas, ou a ambas, mas, depois do que disse, elas perderam qualquer encanto. — Franzindo a sobrancelha, Reginald esboçou uma reação: — Ah, mas conheço alguém que você não conseguiria analisar com tanta facilidade.

Pegando Adrian pelo braço, ele obrigou o primo a circular até o outro lado do salão, parando então.

— Lá está ela! - disse, satisfeito. — Aquela jovem com vestido de musselina amarela. Lady Clarissa Crambray. Lanço o desafio de que você se lembre de alguém de sua última temporada com quem compará-la.

Adrian examinou a jovem em questão. *Mignon*, de aparência muito delicada, e adorável como uma rosa recém-desabrochada. Tinha os cabelos castanho-escuros, rostinho redondo, olhos grandes e expressivos e lábios carnudos, e parecia tão deprimida ao observar a sua volta como jamais vira qualquer outra jovem. Sua curiosidade foi aguçada.

— Da última temporada? — perguntou.

— Isso - confirmou Reginald divertido.

— Por que não está dançando? Uma lindeza como ela deveria estar com todas as danças prometidas.

— Ninguém se atreve a tirá-la, e, se você quer bem a seus pés, é melhor que também não o faça.

Adrian levantou as sobrancelhas, de modo inquisitorial.

— Ela é tão cega quanto um morcego e um perigo para as canelas — avisou Reginald, balançando a cabeça em confirmação diante do olhar incrédulo de Adrian. — De verdade, ela não consegue dar um passo sem pisar em seu pé e tropeçar. Ela nem sequer consegue andar sem tropeçar em tudo. — Ele fez uma pausa, avaliando a expressão de Adrian. — Sei que você não acredita. Eu também não acreditava. — Reginald voltou-se para fitar a jovem e continuou: — Fui bem avisado, mas não dei ouvidos e a convidei para jantar — disse, observando Adrian. — Estava usando calças escuras aquela noite... infelizmente. Ela confundiu meu colo com a mesa e colocou a xícara de chá em mim. Ou, melhor, tentou. A xícara

capotou. — Reginald demonstrou desconforto à mera lembrança. — Pobre de mim, ela quase queimou minhas partes baixas.

Adrian encarou o primo e caiu na risada.

— Isso. Ria. Mas, se eu nunca tiver um filho, legítimo ou não, será por culpa exclusiva de lady Clarissa.

Sacudindo a cabeça, Adrian riu ainda mais, o que lhe fez *tão bem*. Havia anos não achava a mínima graça em nada. Mas a imagem daquela linda florzinha perto da parede, confundindo o colo do primo com uma mesa e derrubando uma xícara de chá era valiosa.

— O que você fez? — finalmente perguntou.

Reginald meneou a cabeça e levantou as mãos em um gesto de desalento.

— O que poderia fazer? Agi como se nada tivesse acontecido, fiquei onde estava e tentei não chorar de dor. — Olhou novamente para a jovem com um suspiro. — E, verdade seja dita, acho que ela nem notou o que havia feito. Dizem que ela enxerga bem com os óculos, mas é fútil demais para usá-los.

Ainda sorrindo, Adrian seguiu o olhar que o primo dirigiu à jovem, observando com atenção seu ar tristonho.

— Não, ela não é fútil — ponderou, vendo a mulher mais velha ao lado de Clarissa murmurar alguma coisa, levantar-se e sair.

— Bem... - Reginald ia dizendo, mas parou quando Adrian fez menção de se dirigir à jovem. Balançando a cabeça, ele balbuciou: — Você foi avisado.

— Não force a vista para não ficar estrábica, por favor.

Aquilo não era um pedido, mas uma ordem, e Clarissa já estava farta das ordens da madrastra. Se ao menos permitisse que ela usasse óculos, não precisaria estreitar os olhos. Não ficaria tampouco tropeçando nas coisas e nas pessoas. Mas não podia usar os óculos porque afastaria os pretendentes.

Como se seus modos desastrados não os afastasse, refletiu Clarissa cansada, e intimamente riu dos pequenos “acidentes” que tivera desde que chegara a Londres.

Além de não enxergar as mesas em que deveria colocar as bandejas de chá, tivera um tombo feio na escada. Por sorte, não

havia se machucado muito, só alguns arranhões e algumas manchas, mas não quebrara nada. Houvera também o pequeno incidente de cair na frente de uma carruagem em movimento, sem falar de ter posto fogo na peruca de Prudhomme.

Um novo suspiro escapou dos lábios de Clarissa ao lembrar do sermão de Lydia depois do último acidente. A madrasta havia decidido que se ela era tão cega e desastrada sem os óculos, só havia uma alternativa. No futuro, quando na presença de outras pessoas, teria de ficar sentada quieta. Não poderia tocar em castiçais, xícaras, pratos, ou seja, basicamente em nada. Não devia mais participar das refeições com as visitas, e sim dizer que não estava com fome. Mesmo que estivesse. Tampouco devia beber. Sair para caminhadas estava fora de questão se uma criada não estivesse junto.

Sempre que Lydia terminava tais discursos, só restava a Clarissa, quando havia outras pessoas presentes, sentar-se ao lado da madrasta, procurando parecer serena. O que significava não estreitar os olhos.

Com um suspiro, Clarissa voltou a olhar para os vultos que desfilavam pela pista de dança. Cansada, abaixou os olhos para as próprias mãos. Seria mais uma noite entediante.

— Posso ter o prazer desta dança?

Apesar de ouvir o convite, Clarissa não se deu ao trabalho de levantar os olhos. Para quê? Não ia conseguir ver nada direito mesmo. Em vez disso, aguardou que a madrasta respondesse, perguntando a si mesma quem seria o estranho que ainda não ouvira falar de seus desastres. Se tivesse ouvido, com certeza não se aproximaria.

Percebendo que Lydia ainda não havia declinado o convite em seu nome, alegando que ela estava muito cansada, ou qualquer outra desculpa polida, Clarissa olhou de lado e viu que Lydia, ou melhor, o borrão rosado como conseguia identificá-la, não estava mais lá. Nesse instante um borrão preto ocupou a cadeira, sobressaltando-a.

Forçando os olhos, ela tentou em vão ver vestígios rosa forte, cor que a madrasta usava, à sua volta.

— Acredito que a dama que estava sentada aqui até um minuto atrás saiu em busca de algo para comer — o estranho disse-lhe tão próximo ao ouvido que Clarissa pôde sentir sua respiração.

Contendo um estremeamento, voltou de imediato a atenção para o homem a seu lado. Ele era dono de uma voz grave, muito agradável, e pelo que conseguia entrever de sua figura, era bastante grande. Pela milésima vez, desejava estar de óculos para poder enxergar.

— Ela não lhe disse aonde ia? — perguntou o estranho. — Me pareceu vê-la falando com você antes de sair.

Clarissa corou um pouco, e tornou a fitar a mancha colorida que se movimentava pela pista de dança, admitindo:

— Talvez tenha dito. Acho que eu estava distraída com meus pensamentos e não prestei atenção.

Embora tivesse uma vaga lembrança de Lydia ter comentado alguma coisa, Clarissa estava mergulhada demais em autocomiseração para prestar atenção.

Era muito humilhante ficar sentada, tendo como distração apenas fragmentos de conversa das pessoas que passavam, muitas vezes tecendo, indelicadamente, comentários a seu respeito. Seus desastres aparentemente eram a piada da temporada. Tinha ganho o apelido de estabanada Clarissa, e todos ficavam na expectativa de qual seria o próximo “acidente” para se divertirem.

— Dizem que você é tão cega quanto um morcego, e fútil demais para usar óculos.

Clarissa piscou os olhos surpresa diante dessa inesperada declaração. Se a indelicadeza das palavras dele a surpreenderam, ela pôde perceber que surpreenderam seu interlocutor ainda mais. A respiração dele ficou suspensa como se tivesse se dado conta do que havia dito. Olhando de soslaio, deu para perceber que ele levantara a mão para cobrir a boca.

— Perdão, acho que estive tempo demais longe da sociedade. Nunca deveria...

— Ora, não se preocupe. - Clarissa dispensou as desculpas e afundou na cadeira com um ar desanimado. — Está tudo bem. Sei o que as pessoas falam. Acham que, além de desastrada, eu sou surda, pois não se preocupam de falar na minha frente ou por trás de seus leques. Falam bastante alto para que eu ouça. — Ela imitou o modo como as pessoas falavam, fazendo caretas. — Oh, vejam, lá está a coitadinha, a estabanada Clarissa.

— Peço desculpas — ele disse baixinho.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

